

REDES DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

REPENSAR O CAPITAL SOCIAL E AS DINÂMICAS DA PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO SUCO BIQUELI, ATAÚRO, DILI, TIMOR-LESTE

Zacarias F. Costa

*Doutorando em Sociologia. Universidade de Évora. CICS.NOVA.UÉvora
dacostazack@gmail.com*

Carlos Alberto da Silva

*Universidade de Évora. CICS.NOVA.UÉvora
casilva@uevora.pt*

Resumo

O presente artigo analisa o papel e a importância do capital social nas dinâmicas da participação ativa e do *empowerment* da comunidade num processo de desenvolvimento comunitário na comunidade Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste. Tomou-se como pano de fundo a perspectiva de que a dinamização do desenvolvimento comunitário não depende apenas da existência de capital económico, capital humano, e outros relacionados com os recursos naturais e infraestruturais, antes porém, admite-se que o capital social desempenha igualmente um papel de relevo no processo do próprio desenvolvimento e na melhoria das condições da vida da própria comunidade.

Para a abordagem do objeto de estudo privilegiou-se uma orientação estratégica através duma pesquisa de natureza qualitativa, fundada nas linhas de um estudo de caso do tipo descritivo. Para a recolha da informação, privilegiaram-se os procedimentos de recolha segundo os critérios da observação direta não participante, a análise documental e a entrevista. Com um guião composto por 15 perguntas principais, organizadas em três grandes tópicos (processos de desenvolvimento comunitário; capital social na comunidade; participação e *empowerment* da comunidade), as entrevistas foram realizadas junto de 9 informantes-chaves, cuja escolha se prendeu pelo elevado grau de conhecimento dos mesmos sobre o contexto do estudo. Os principais informantes-chaves do estudo realizado foram os seguintes: a) líderes da comunidade; b) *experts* do suco (pastor ou sacerdote da igreja protestante e professores); pescadores (como principais membros da comunidade). O trabalho de campo foi realizado em dois momentos, sendo o primeiro entre Setembro a Dezembro de 2016, e um segundo trabalho de campo decorreu entre Setembro a Dezembro de 2017. O tratamento e a análise dos dados basearam-se nos pressupostos da análise de conteúdo, segundo os princípios temático-categoriais e estruturais.

Os principais resultados sugerem que o capital social, o *empowerment* e a participação comunitária representam as faces da mesma moeda, constituindo requisitos fundamentais num processo de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste.

Palavras-chave: Capital Social, Participação Comunitária, Empowerment
Desenvolvimento Comunitário.

Abstract

This paper analyzes the role and importance of social capital in the dynamics of active community participation in community development process in the community of Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste. It has been assumed that community development dynamization does not only depend on the existence of economic capital, human capital, and others related to natural and infrastructural resources, but admitted that social capital also plays an important role in the development process itself and also improving the communities living conditions.

The approach of this study is a strategic orientation which favored through a research of a qualitative nature, based on the lines of a descriptive case study. In order to collect the information, the procedures of collection according to the criteria of direct non participant observation, documentary analysis and interview were privileged. A guideline composed of 15 main questions, organized into three main topics (community development process, community social capital, community participation and *empowerment*), interviews were conducted with 9 key informants whose knows about the context of the study. The main key informants of the study were the following: a) community leaders; b) The village (*suco*) experts (pastor or priest of the protestant church and teachers); c) fisherman (as key members of the community). The field work was carried out in two moment, the first between October and December 2016, and the second field work was carried out between September and December 2017. The data treatment and analysis were based on the assumptions content analysis, according to the thematic-category and structural principles.

In the main results, social capital, *empowerment* and community participation represent the sides of the same coin, constituting fundamental requirements in a process of community development in Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste.

Key-words: *Social Capital, Community Participation, Empowerment, Community Development*

Introdução

Ao pretendermos relevar o capital social num processo de desenvolvimento, estamos implicitamente a colocar em causa a necessidade de redefinir os papéis dos atores sociais, reclamando para estes a sua capacitação e o seu *empowerment* para construir um desenvolvimento alternativo, baseado nos interesses particulares de cada localidade que de forma genuína, valoriza a redemocratização e participação política dos cidadãos (Friedmann, 1996). Neste sentido, falar dum desenvolvimento alternativo, implica colocar em causa as formas de desenvolvimento tradicionalmente implementadas pelos poderes económico e políticos do Estado, para reequacionar novas lógicas de relacionamento entre o Estado e a sociedade civil (Friedmann, 1996).

Porém, o termo desenvolvimento comunitário não é de data recente. Segundo M. Silva (1963, p. 543) o desenvolvimento comunitário deve ser compreendido com um “conjunto dos processos pelos quais uma população une os seus esforços aos dos poderes públicos com o fim de melhorar a sua situação económica, cultural e social e bem assim integrar-se na vida da nação e contribuir para o progresso nacional geral”. Efetivamente, na atualidade retomam-se com força as ideias de há mais de meio século, pelo que falar do desenvolvimento e pensar sobre o desenvolvimento da comunidade, significa sobretudo enfatizar novos horizontes de leituras e práticas que valorizam o enfoque da responsabilidade da comunidade nas suas escolhas e decisões; é estimular a participação política direta da ação comunitária. Tratam-se de aspetos cada vez mais valorizados e perspetivados como domínios de relevância imprescindível na ordem discursiva e prática do desenvolvimento, onde o lugar e o papel do capital social da comunidade (Gómez, 2014; Paiva, 2008), assim como, a importância das dinâmicas de *empowerment*, representam elementos fundamentais no quadro dos objetivos dum desenvolvimento alternativo (Friedmann, 1996), que queira ser sério e eticamente responsável em prol da melhoria das condições de vida das comunidades presentes e das gerações futuras (C. Silva, 2015).

Tendo estes pressupostos de partida, procurámos analisar a problemática da participação, do *empowerment* e do capital social no processo de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, em Ataúro, Dili, Timor-Leste, tomando como pano de fundo a estratégia de um estudo de caso de natureza qualitativa-descritiva, colocando como ponto de partida a interrogação do seguinte: *Quais as características do desenvolvimento comunitário na comunidade Suco Biqueli, em Ataúro, Dili, Timor-*

Leste?. Decorrente desta ideia de partida, operacionalizámos ainda o debate e a pesquisa em torno das seguintes perguntas: 1) *Qual será a importância do capital social no processo de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, Timor-Leste?*; 2) *Como é que se processam a participação e empowerment da comunidade nas dinâmicas de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, Timor-Leste?*

Considerámos como objetivo geral *conhecer as configurações do empowerment e do papel do capital social da comunidade num processo de desenvolvimento comunitário*, procurando desta forma analisar as perspetivas presentes e as tendências do capital social, e as formas de participação e *empowerment* no contexto de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, Timor-Leste. Considerámos ainda como objetivos específicos do estudo realizado o seguinte: 1) Caraterizar o capital social na comunidade Suco Biqueli; 2) Descrever a importância e o papel do capital social nos processos de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli; 3) Analisar as formas de participação e *empowerment* da comunidade nos processos de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli; 4) Identificar os fatores críticos de sucesso num processo de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli.

Importa ainda neste ponto introdutório situar geograficamente o local do estudo realizado. O Suco Biqueli é um suco (vila) de cinco sucos que existem no Posto Administrativo de Ataúro, área geográfica integrada no Município de Dili, em Timor-Leste. De relevar que, segundo os dados oficiais de 2001/2002, o Suco Biqueli é considerado como um dos 30 sucos mais pobres em Timor-Leste, sendo um dos três sucos mais pobres do Posto Administrativo de Ataúro, Município Dili. De acordo com o Censo da População de Timor-Leste, 2015, o Suco de Biqueli ocupa uma área de 36 km², contendo uma população de 2.076 habitantes, sendo 1.052 homens e 1.024 mulheres. Em termos de agregados familiares, residem no Suco Biqueli um total de 589 famílias, repartidas em 4 aldeias: Pala, Ilicnamo, Uaruana e Ilidua. Quanto à afiliação religiosa, sabe-se que a maioria da população deste suco é Cristão Protestante.

Conforme o descrito na Tabela 1, a maioria da população deste Suco é composta por Pescadores e Agricultores, sendo essencialmente do sexo masculino (Perfil Suco Biqueli (2014) (Tabela 1). Em termos socioeconómicos, o território apresenta frágeis estruturas económicas, com uma população baixos níveis de condições de vida e de rendimento, situados abaixo do limiar da pobreza, ou seja, abaixo dos 0,88 dólares por dia.

Tabela 1. Características da População segundo a Ocupação e o Género no Suco Biqueli

<i>Tipos de ocupação</i>	<i>Sexo</i>				<i>Total</i>	
	Masculino		Feminino		Nº.	%
	Nº.	%	Nº.	%		
<i>Funcionário Público</i>	26	1,8	4	0,3	30	1,4
<i>Funcionario Contratado</i>	10	0,7	11	1,7	21	1,0
<i>PNTL/F-FDTL</i>	8	0,6	4	0,6	12	0,6
<i>Voluntario Governo/ONG</i>	5	0,3	3	0,5	8	0,4
<i>Pescador</i>	580	40,2	13	2,1	593	28,6
<i>Agricultor</i>	240	16,6	220	34,9	460	22,2
<i>Veternária</i>	230	15,9	18	2,9	248	12,0
<i>Estudantes</i>	301	20,8	297	47,1	598	28,8
<i>Negociantes e outros</i>	44	3,0	60	9,5	104	5,0
<i>Total</i>	1.444	100,0	630	100,0	2.074	100,0

Fonte: Perfil Suco Biqueli, Posto Administrativo Ataúro, Município Dili, Timor-Leste (Outubro, 2014)

Abraçando uma abordagem qualitativa com uma estratégia de estudo de caso, partimos para o trabalho de campo, operacionalizando uma observação direta não participante e a aplicação de um guião de entrevista semi-estruturada, composta por 15 perguntas principais, organizadas em três grandes tópicos (processos de desenvolvimento comunitário; capital social na comunidade; participação e *empowerment* da comunidade), junto de 9 informantes privilegiados, compostos por líderes da comunidade (*liderança comunitária*), profissionais locais (pastores ou sacerdotes da igreja protestante, professores, pescadores e membros das comunidades). O trabalho de campo foi realizado em dois momentos diferentes, sendo primeiro realizado entre Setembro a Dezembro de 2016 e o segundo decorrido entre Setembro a Dezembro 2017.

No presente artigo, iremos apresentar apenas alguns dados preliminares sobre as lógicas do capital social em Suco Biqueli, deixando para um próximo artigo a abordagem específica das suas relações complexas com o *empowerment* e a participação.

1- Capital Social: Contributos para uma possível interpretação e compreensão.

O capital social é um conceito complexo, tendo sido estudado pelos economistas, cientistas políticos, antropólogos e sociólogos, pelo que encontramos uma pulverização de perspetivas e tópicos da discussão em teses, artigos e revistas científicas (Alder & Kwon, 2014, p. 412). A verdade é que a expressão “capital social” pode referir-se a muitas

coisas, tais como às relações informais entre grupo e instituições sociais, normas, atitudes e valores que determinam e estruturam as interações sociais. Também há autores que privilegiam a ideia de capital como uma derivação do capitalismo, remetendo-o a um bem que um indivíduo possui, ou à dimensão económica e às lógicas da riqueza e do mercado. São sobretudo os das correntes marxistas que enfatizam a tese de Marx (1988, p. 251), argumentando que o “capital não é uma ‘coisa’ qualquer, mas sim algo determinado pela relação de produção, pertencente a uma determinada formação sócio histórica, e que representa uma ‘coisa’ que dá um carácter especificamente social a essa ‘coisa’”.

A verdade é que falar de capital social, não se delimita no questionamento das relações de produção. Embora existem várias perspectivas e noções do capital social, retenhamos a nossa atenção em torno das perspectivas de três dos principais autores sobre o capital social: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam.

Na perspectiva de Pierre Bourdieu, sociólogo da era contemporânea, é impossível compreender o mundo social sem conhecer o papel do capital e de todas as suas possíveis formas, não restritas à forma reconhecida pela teoria económica (Field, 2003, p. 24). Para o autor, existem várias tipologias de capital e que consistem em capital económico, capital cultural e capital social (Bourdieu, 1986; Field, 2003). O capital económico está relacionado com a posse de meios de produção e a riqueza, tais como a terra, fábricas, máquinas, ferramentas e dinheiro, sendo determinantes para a reprodução das posições sociais dos indivíduos. O capital cultural é incorporado, objetivado e institucionalizado, interferindo, por exemplo, no desempenho dos indivíduos no acesso às qualificações educacionais. Em termos estritos, o capital social consiste na “manifestação” das redes de relações sociais mobilizáveis para obtenção de benefícios (Bourdieu, 1986; Bonamino et al., 2010, p. 488). Segundo o autor, o capital cultural e o capital social devem ser tratados como um recurso ativo (*asset*), resultante do produto do trabalho acumulado (Field, 2003) ou do investimento social (Lin, 2003; Gómez, 2014). Ou seja, o capital social está relacionando com outras formas de capital, tais como o capital económico e o capital cultural (Field, 2003).

Adler & Kwon (2002, p. 20) subscrevem esta tese, argumentando que, para Pierre Bourdieu (1986, pp. 243-248), o capital social é “um conjunto de recursos atuais ou potenciais relacionados com a posse de uma rede durável de ligações, mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interrelacionamento”, sendo “composta por obrigações sociais (conexões) convertíveis, em determinadas condições, em capital económico que pode ser institucionalizado sob a forma de um atributo social”. Aliás,

para o autor, “o volume de capital social que cada ator social pode possuir “depende da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital pertencente a quem está ligado” (Bourdieu, 1986, pp. 243-248). De facto, de acordo com a perspetiva bourdiana, o capital social emerge da articulação tríplice entre os seus elementos constitutivos (redes de relações sociais facilitadoras de acesso aos recursos), os benefícios que resultam da participação dos indivíduos na rede social e das formas de reprodução do próprio capital social. Não é de admirar que o capital social é importante para determinados estratos de classe, decorrente dos benefícios materiais e simbólicos que os indivíduos possam extrair, como certas elites que procuram por esta via assegurar a sua posição relativa no espaço social (Bourdieu & Wacquant, 1992). Por outras palavras, segundo Bourdieu, o capital social está intimamente relacionado com o *habitus* dos indivíduos, sobretudo para as elites que possuem certas disposições duráveis e esquemas estruturados que lhes orientam a ação e a dominação no campo social. Neste sentido, o capital social pode fornecer um “apoio útil” às elites, sendo um capital essencialmente fundado pela interiorização pelos agentes de certas normas e valores (Bourdieu, 1986), tais como a autoestima e a honra, constituindo assim um meio de troca, por exemplo, no acesso a uma carreira política, quando alguém quiser “assediar clientes” para cargos que sejam socialmente importantes (Field, 2003; Adler & Kwon, 2002).

Uma outra figura incontornável quando se fala de capital social no contexto e perspetiva de desenvolvimento comunitário é sem sobra de dúvidas James Coleman. Na perspetiva do autor, dada à natureza da função do capital social, ele não é uma entidade única, mas sim uma variedade de diferentes entidades e recursos. Aliás, para o autor, todos estes elementos “encontram-se numa dada estrutura social e facilitam certas ações dos indivíduos que estão dentro da estrutura” (Coleman, 1990, p. 302; Adler & Kwon, 2002, p. 22). Assim sendo, para Coleman, o capital social comporta uma característica instrumental, representando os recursos que os atores podem mobilizar ou utilizar, envolvendo uma certa expectativa de reciprocidade, pelo que qualquer indivíduo pode estar inserida numa rede mais ampla, cujos relacionamentos são “governados” por elevados níveis de confiança e de valores mútuos (Field, 2003, p. 33) que os movem para a ação. Em síntese, Coleman argumenta que o conceito de capital social é “um meio para explicar como as pessoas podem trabalhar em conjunto” (Field, 2003, p. 34), em prol do interesse do coletivo.

Para além das perspetivas de Bourdieu e de Coleman, importa ainda salientar uma outra perspetiva relevante do capital social no contexto de desenvolvimento comunitário

e que é a de Robert Putnam, autor muito citado nas áreas da ciência política. Segundo Adler & Kwon (2002), a tese de Putnam insere-se numa perspetiva política que pode ser considerada como uma tese tributária das perspetivas de Coleman. Em termos estritos, Putnam (1993, p. 177-179) considera que o capital social pode ser visto como um fenómeno social, intimamente relacionado com dois aspetos nucleares. Por um lado, a associação de indivíduos em redes ou outras formas de organização locais ou horizontais, e, por outro lado, a existência da confiança mútua e da reciprocidade entre os atores sociais. Dito de outro modo, para Putnam (1993), o capital social é uma das “características de uma organização social, tais como as redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação em prol do benefício mútuo” (Adler & Kwon, 2002, p. 20). Acrescenta ainda o autor que o capital social faz “parte da vida social, através das redes, normas e crenças que encorajam os participantes a agirem em conjunto de forma mais eficaz para alcançar objetivos comuns” (Putnam, 1993), argumentando ainda que a densidade dos contactos sociais, dos vínculos e laços sociais pode afetar o grau de produtividade individual e grupal, razão pela qual as redes sociais possuem um valor fulcral nos processos sociais e políticos (Field, 2003, p. 51).

Subjaz nas teses dos autores que seguimos que os laços sociais são fundamentais para os atores sociais. Tal como Paugam (2009, p.63 citado em Rosa, 2012, p. 3) argumenta os laços sociais são fundamentais para a sobrevivência dos indivíduos, na medida em que “são múltiplos e de natureza diferente, mas todos eles fornecem aos indivíduos simultaneamente a proteção e o reconhecimento necessário à sua existência social. A proteção remete para o conjunto de suporte que o indivíduo pode mobilizar face aos acasos de vida (recursos familiares, comunitários, profissionais, sociais), o reconhecimento remete para a interação social que estimula o indivíduo fornecendo-lhe a prova da sua existência e a sua valorização aos olhos do outro e dos outros”. Contudo a força dos laços sociais nas relações entre os atores sociais supõe a existência da confiança entre os mesmos. Porém, a questão da confiança é complexa, sendo balizada por contextos socio-espaciais e temporais, na medida em que “as relações de confiança quaisquer que sejam os quadros sócio históricos, no seio das quais sejam consideradas, ajudam a estruturar as posições dos atores, dando conta do sentido ou dinâmica das suas interações” (Balsa, 2006, p.12). Parafraseando Balsa (2006) e tomando por empréstimo as ideias de Williamson (s/d), a confiança ou credibilidade entre o “eu e o outro” representa sobretudo um “determinado nível de probabilidade subjetiva, estimada por um

agente, de que um outro agente, ou grupo, empreenderá uma ação específica” (Balsa, 2006, p.12).

Numa tentativa de esforço de caracterização do capital social, Kleinhans, Priemius e Engbersen (2007 citado em Gómez, 2014, p. 57) argumentam que há duas grandes tipologias do capital social num contexto social, sendo um de natureza **interna** e a outra **externa**. Porém, articulando a classificação de Kleinhans, Priemius e Engbersen com as de Adler & Kwon, somos a considerar que ambas as perspectivas são semelhantes, representando a interna o *bonding* (laços/vínculos sociais que asseguram a coesão das redes de pertença e de referência) do capital social, sendo a externa constituída pelo *bridging* (conexões/ligação social que assegura a solidariedade social) do capital social. Decorrente destas duas tipologias, sobressai uma dimensão intermédia ou conjunta entre interna e externa, interpretável como *linking* (integração na rede social) do capital social numa comunidade. Assim sendo, tendo em conta as perspectivas de Bourdieu, Coleman e Putnam, bem como outras referências revistas por Adler & Kwon (2002), é possível sistematizar três grandes tipologias de classificação do capital social, conforme o seguinte: a) **externa** (*bridging* baseada nas conexões de reconhecimento social dos atores), b) **interna** (*bonding* baseada nos laços de proteção social dos atores), e, c) conjunto **interno e externo** (*linking* baseado na *valorização* da rede social onde veicula o capital social).

Embora seja possível definir o capital social segundo três grupos de tipologias como o descrito acima, mas escudando-se em Bullen & Onyx (2005), tal como sugere Gómez (2014), é possível definir duas dimensões ou formas dos próprios elementos do capital social numa comunidade: estrutural-relacional; cultural-cognitivo. Assim, é necessário considerar uma dimensão de capital social do tipo **estrutural-relacional**, baseada nos fundamentos da participação/conexões entre os atores sociais a nível micro e meso (*bonding*, *bridging*, *linking*), e onde predominam as seguintes linhas de ação: participação, filiações familiares e conexões de trabalho, pró-atividade. Por outro lado, marca presença uma outra dimensão do capital social, designado de **cultural-cognitivo** que se fundamenta na ideia de uma permanente construção dum capital social, através das orientações simbólico-valorativos macrosociais, entre os quais o seguinte: confiança, tolerância e valores da vida (Gómez, 2014, p. 70) (Tabela 2).

Tabela 2: Dimensões (formas), Tipologias e Elementos do Capital Social

Dimensões do Capital Social	Tipologia do Capital Social	Elementos do Capital Social
Estrutural-Relacional (Participação/Conexões sociais)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Bonding</i> Capital Social (análise nível micro) • <i>Bridging</i> Capital Social (análise nível meso) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Participação na comunidade local ▪ Laços e conexões familiares e amigos ▪ Laços e conexões de trabalho ▪ Pró-atividade num contexto social
Cultural-Cognitivo (Construção do Capital Social)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Linking</i> Capital Social (análise nível “macro” da rede social) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de confiança e segurança ▪ Tolerância da diversidade ▪ Valores da vida

Fonte: Adaptado de Gómez (2014) baseado em Bullen & Onyx (2005)

Face ao exposto, o capital social numa comunidade não é de fácil definição, embora se possa ser explicado através de três tipologias (*bonding*, *bridging* e *linking*), e caracterizado por duas dimensões ou formas: estrutural-relacional e cultural-cognitivo. Estas caracterizações não significam que as tipologias *bonding*, *bridging* e *linking* veiculam em ambientes sociais estanques (sistema fechado), formando uma espécie de *closed social capital*, na medida em que elas interagem com elevada interdependência entre os laços, vínculos e demais conexões dos atores sociais no seio das redes sociais. Ou seja, num contexto de desenvolvimento comunitário, por exemplo, se o *bonding* pode interferir na génese dum capital social “fechado” (*closed social capital*) na comunidade, mas tais laços e vínculos demasiados fortes no microcosmo, não podem ser considerados como um recurso (capital) útil no processo de desenvolvimento, se o *bridging* capital social da comunidade ou melhor as conexões efetivas das relações sociais não forem igualmente “fortalecidas”. Por outras palavras, podemos dizer que, a dimensão cultural-cognitivo (“macro”) do capital social duma comunidade não se “desenvolve” bem, sem a presença do *bridging* (“meso”) nem da dimensão relacional-estrutural (“micro”), sobretudo se houver ruptura da rede social (*linking*-“macro”) que sustenta o próprio capital social.

Perspetivamos, assim, que é possível existir uma variação das intensidades dos laços e vínculos que subjazem no capital social, bem como dos fluxos das orientações

simbólico-valorativos que interferem nas diversas conexões das redes sociais, aspetos que nos permitem compreender a operatividade a diferentes níveis que o próprio capital social possa emergir, seja de ordem cultural-cognitivo ou relacional-estrutural, atravessada pelas lógicas dos laços sociais e de filiação familiar (*bonding*-“micro”), das conexões sociais favoráveis à participação e solidariedade (*bridging*-“meso”) e das redes sociais (*linking*-“macro”) que veiculam no seio comunidade.

Parafraseando Putnam (1995, 2000), Field (2003), Gómez (2014), entre outros, o capital social “armado” com a força do *empowerment* serve, numa visão utilitarista e estratégica dos atores sociais na estruturação da ação coletiva, para potenciar a teia de relações das redes sociais nos processos sociais e políticos do desenvolvimento comunitário.

Em síntese, o capital social é um recurso decisivo e determinante num processo de desenvolvimento comunitário.

2- As malhas do Capital Social na Comunidade Suco Biqueli num Processo de Desenvolvimento Comunitário

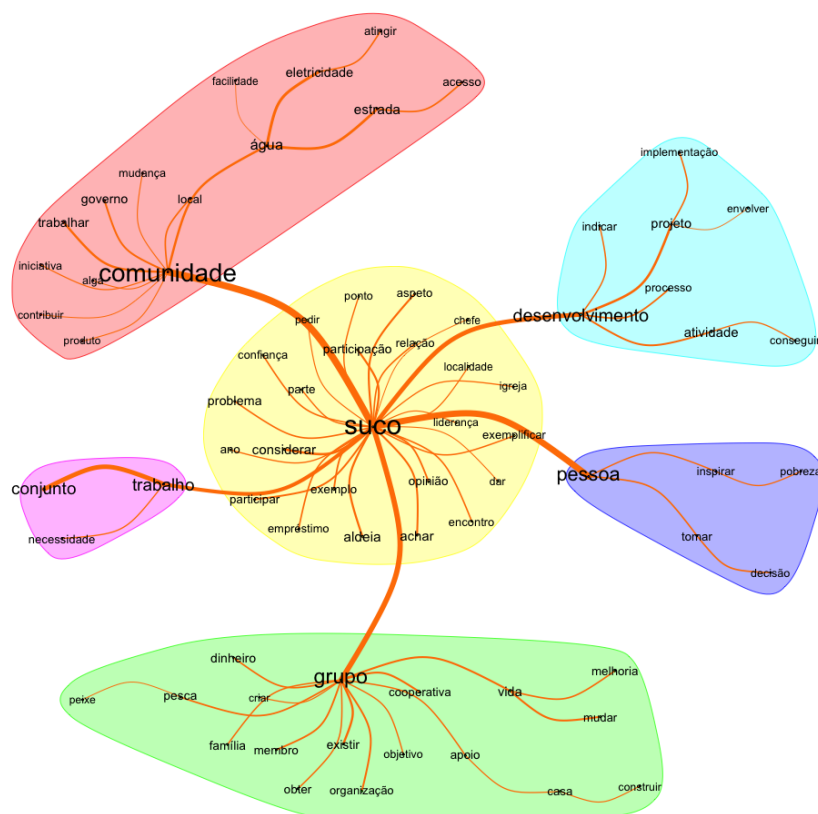
Neste ponto, damos a conhecer os resultados preliminares do estudo realizado no Suco Biqueli, Timor-Leste, apresentando em traços gerais os dilemas e desafios que se colocam no desenvolvimento comunitário, em face às características do capital social possíveis de identificar no *corpus* das entrevistas.

Em termos formais, o *corpus* das entrevistas recolhidas é composto por 9 textos, detendo 595 segmentos de textos, 1852 formas, das quais 707 são formas ativas e 631 formas suplementares, elementos estes que permitiram identificar 21488 ocorrências. As formas ativas com frequência superior a 3 é de 377, sendo a média de formas por segmento de texto de 36,1. Identificámos ainda 577 *hapax* (palavras únicas) e que correspondem a 2,7% das ocorrências e 42,2% das formas. Através do tratamento dos dados do *Iramuteq* e tendo presente as 9 unidades de contexto inicial (UCI), foram retidas 413 unidades de contexto elementar (UCE) em 595 segmentos de textos, admitindo para o tratamento lexical 69,4% do *corpus* reformatado que nos permitiu extrair 4 agrupamentos lexicais relevantes.

suco-confiança”, “suco-liderança”, “suco-chefe”, “grupo-família”, “grupo-vida-melhoria”, “grupo-pesca”, “grupo-cooperativa”, “água-eletricidade”, “água-facilidade-estrada-acesso” (Esquema 2).

Da conjugação da interpretação dos resultados da nuvem de palavras e da análise das co-ocorrências, colocamos em evidência duas realidades do estado do desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli. Por um lado, apercebemos a centralidade das questões do território do suco que carecem ainda de projetos de melhoria das condições de vida, reclamando em particular do governo mais dinheiro para a melhoria das acessibilidades (estradas) entre as aldeias, bem como do fornecimento da eletricidade e da água potável para as mesmas. Por outro lado, assistimos vozes que valorizam a importância do trabalho conjunto, ou da intervenção e ação mútua entre os grupos, fazendo assim relevar a importância do papel da participação e da cooperação efetiva dos grupos na comunidade nas diversas dinâmicas do desenvolvimento comunitário, e sobretudo o papel das redes sociais em todas as áreas da vida da comunidade ou das pessoas do Suco Biqueli.

Esquema 2- Co-ocorrências das palavras do *corpus* das entrevistas



Fonte: Output do Iramuteq.

“a eletricidade e a canalização da água potável são do tempo da ocupação da Indonésia, e mesmo assim, há ainda aldeias que ainda não têm acesso” (E 5)

“criar grupos e trabalho em conjunto (...) tem de ser uma tendência do processo de desenvolvimento comunitário” (E 9)

“trabalho conjunto como uma oportunidade (...) mais participação e (...) cooperação (...) para melhorar a vida no suco” (E 7)

“a comunidade neste Suco está consciente de que para resolver os problemas têm de ser conjuntamente e unidas, com confiança mútua. Pensam positivamente para viver em harmonia. (...) Por exemplo, no aspeto de empréstimo, há sempre a garantia de que o dinheiro não se perde, porque há confiança mútua sempre membro do grupo numa cooperativa. (...) todas as pessoas sabem que têm de participar, (...) podemos dizer que a participação na comunidade é importante em tudo. (...) somos pobres, mas sabemos que as pessoas, os grupos e os líderes da comunidade sabem inspirar a comunidade para trabalharem em conjunto e trabalharem em equipa para libertar o povo da própria pobreza” (E2).

“Há muitos grupos comunitários, como o grupo de pesca, (...) estes grupos foram criadas pelas próprias iniciativas das comunidades. (...) Decisão coletiva e junto sempre... (...) obtivemos muito peixe e ganhamos muito dinheiro. Utilizámos o dinheiro dos grupos sobretudo em termos empréstimos, para podermos atender às necessidades da família, no apoio ao estudo dos filhos e para melhorar a casa” (E5).

“(...) para desenvolver o que é bom para vida na comunidade, tem de ser através do trabalho em conjunto e com alguém que tenha experiência. (...) A própria comunidade utilizou o seu próprio dinheiro para construir um salão de encontro. Um grupo da comunidade organizou uma formação como a costura da roupa, para elas poderem ganhar o dinheiro e melhorar as suas vidas” (E6).

“As pessoas deste Suco sempre cumprem os seus deveres e promessas, devolvem o dinheiro de acordo com um tempo determinado. Em Biqueli, esta situação de confiança mútua, já é considerado como uma cultura. (...) As prioridades desses grupos comunitários foram o trabalho em conjunto e o apoio mútuo para bem-estar comum e melhoria das condições da vida das famílias” (E9).

Os resultados das formas discursivas presentes nos agrupamentos lexicais, sugerem-nos ainda que, não obstante o Suco Biqueli necessitar ainda de vários projetos infraestruturais de desenvolvimento de natureza imediata, sendo a generalidade dependente do investimento externo do governo, não há dúvida de que existem muitos desafios e dilemas sobre os projetos de desenvolvimento comunitário e que são transversais à forma como se dinamizam o capital social na rede social da comunidade. Apercebemos ainda que a comunidade valoriza, no plano micro e meso, os projetos de melhoria das condições de vida nas aldeias, afirmando que tais realizadas passam pela importância da capacitação (poder) e habilidade dos atores sociais *empowered*, quer para o trabalho conjunto, quer para a participação ativa na tomada de decisões sobre situações concretas de luta contra a pobreza. Releva-se aqui claramente a importância do capital social na vida quotidiana da comunidade.

Considerações Finais

Os resultados do estudo sobre a natureza do capital social em Suco Biqueli (Timor-Leste) sugerem que existem elementos determinantes num processo de desenvolvimento comunitário que direta ou indiretamente afetam as suas vidas no local onde que vivem.

Em primeiro lugar verificámos que, falar desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, implica ter em consideração a necessidade de infraestrutura básicas (estrada, eletricidade e água potável) ainda não resolvidas após mais de uma década da independência de Timor-Leste, cuja concretização urgente permitirá a satisfação das necessidades básicas das condições da vida da própria comunidade no local. É certo que tais infraestruturas básicas dependem muito do investimento do governo central, mas sem a decisão e a vontade da comunidade em exigir, apelar e lutar para que sejam edificadas as infraestruturas essenciais para a melhoria das condições de vida, então Suco Biqueli nunca poderá sair do grau zero do seu desenvolvimento. Subjaz, assim, articulada à noção de desenvolvimento comunitário na comunidade Suco Biqueli, uma relação estreita entre a criação de infra-estruturas, a satisfação das necessidades básicas, e a melhoria das condições de vida.

Em segundo lugar, constatámos que o poder para a dinamização da ação coletiva segregada pela materialização do capital social da comunidade decorre das manifestações objetivas da participação comunitária, ou melhor da participação ativa da comunidade,

desempenhando tal poder um papel importante e decisivo no processo de *empowerment* comunitário. Verificámos ainda em Suco Biqueli, a presença dum capital social intimamente relacionado com os vínculos, as redes sociais e os dispositivos informais de confiança e de credibilidade. A verdade é que, em Suco Biqueli, o capital social emerge de forma mais evidente relacionado com a ação e a confiança dos grupos informais da comunidade, designadamente para a resolução de problemas de ordem económica entre os seus membros e ou dos “negócios” dentro da comunidade.

Esquema 3: Elementos chaves de Desenvolvimento Comunitário na Comunidade Suco Biqueli

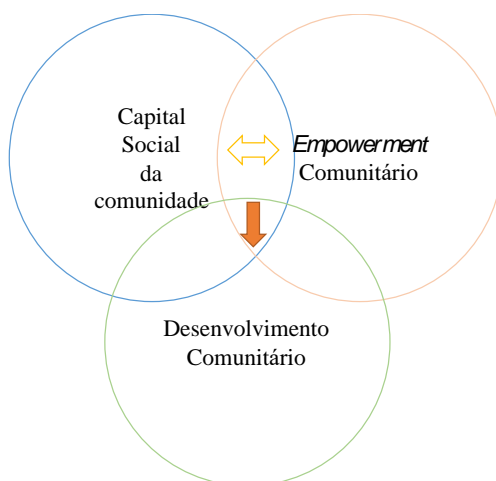


Em terceiro lugar, somos ainda a considerar que a capacidade (poder) e a habilidade dos atores sociais para dinamizarem o trabalho em conjunto numa comunidade com vista ao alcance de objetivos comuns para a mudança das condições de vida, no combate à pobreza e à exclusão, estão dependentes de um conjunto de condições estruturais e conjunturais do campo social do Suco Biqueli. As ações coletivas em prol duma intervenção a nível micro na comunidade só são mantidas “coesas”, devido essencialmente a mecanismos que subjazem nos laços, vínculos e redes sociais intracomunitários, embora tais realidades dependam, quer da forma de valorização da confiança e da expectativa do benefício mútuo entre os atores sociais, quer da posse por estes, de recursos sociais e políticos para a materialização do poder de intervenção e da participação ativa na toma de decisão.

Verificamos que os factores críticos do sucesso do desenvolvimento relacionam-se com as condições que permitam fazer emergir uma forte participação e integração social, sendo esta assegurada por uma liderança participada na ação coletiva. Assim

sendo, caso não estejam reunidas estas condições, as formas de capital social que possam emergir são frágeis e quicá nula no território estudado, tal como apresentamos nos quadrantes B, C e D. Perspetivamos assim uma relação estreita entre o capital social, *empowerment* e desenvolvimento comunitário (Esquema 4).

Esquema 4: Interações o Capital Social da Comunidade e o *Empowerment* Comunitário na Comunidade Suco Biqueli num processo de Desenvolvimento Comunitário



Em quarto lugar e por último, renovamos aquilo que temos referido até aqui, de que falar em desenvolvimento comunitário releva a articulação de três campos conceituais que interferem com a intervenção social e comunitária: 1) capital social da comunidade; 2) participação comunitária ou participação ativa da comunidade; 3) *empowerment* da comunidade. Majoram-se aqui os papéis do capital social da comunidade, quer ao nível da sua importância para incentivar e facilitar a participação ativa da comunidade, mas também o *empowerment* da comunidade. Assim sendo, não obstante estarem ainda por concretizar várias necessidades locais e que subsistem diversos desafios no processo de desenvolvimento em Suco Biqueli (Timor-Leste), admitimos que, face ao observado até à data, *existe um sucesso, ainda que seja relativo, no processo de desenvolvimento comunitário porque os agentes de desenvolvimento valorizam o papel e o lugar do capital social e do empowerment nas práticas de intervenção.*

Em suma, os resultados do estudo sugerem-nos que o capital social em Suco Biqueli (Timor-Leste) é dotado de um poder intrínseco que interfere no processo de *empowerment* da comunidade, apesar deste poder ser influenciado ou induzido por forças de intervenção externa. Assim, para que a comunidade de Suco Biqueli possa ser fortalecida na consciencialização para a ação, é preciso atender às possibilidades de

redução das incertezas e das situações de *powerles* dos seus atores nas decisões sobre os processos de desenvolvimento. Por outras palavras, o capital social, a participação e o *empowerment* da comunidade representam faces da mesma moeda, constituindo os requisitos nucleares no processo de desenvolvimento comunitário em Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste.

Referências Bibliográficas

- Afonso, M.M., Fernandes, A.P. (2005). abCD Introdução à Cooperação para o Desenvolvimento. *Revista Forum DC*. Disponível em <http://www.forumdc.net>, acesso, 01/03/2016.
- Adler, P.S., Kwon, S.W. (2002). Social Capital: Prospect for a new concept. *Academic of Management Review*, 27(1), 17-40.
- Adler, P.S., Kwon, S.W. (2014). Social Capital: Maturation of a Field of Research. *Academic of Management Review*, 30(4), 412-422.
- Almeida, J. (2011). *O essencial sobre o capital social*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Amaro, R. (2003). Desenvolvimento — um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, 35-70.
- Balsa, C. (2006). *Confiança e Laço Social*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Bonamino, A., Alves, F., Franco, C., Cazelli, S. (2010). Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. *Revista Brasileira de Educação*, [online], 15(45), 487-499. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782010000300007>, acesso, 01/03/2016.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. in J.G.Richardson (org), *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood. pp. 241-258.
- Bourdieu, P., Wacquant, L.J.D. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Buciega, A., Esparcia, J. (2013). Desarrollo, Territorio y Capital Social. Un análisis a partir de dinámicas relacionales en el desarrollo rural. *REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 24(1). Disponible en <https://revistes.uab.cat/redes/article/view/v24-n1-buciega-esparcia/350-pdf-es>, acceso, 01/07/2017.
- Carmo, H. (2007). *Desenvolvimento comunitário*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coleman, J. (1990). *Foundation of social theory*. Cambridge: The Belknap Press.
- Field, J. (2003). *Social Capital*. London: Routledge.
- Fu, Q. (2004). *Trust, Social Capital, and Organizational Effectiveness*. Major paper submitted to the Faculty of the Virginia Polytechnic Institute and State University in Partial Fulfillment of the requirements for the degree of Master of Public and International Affairs, Blacksburg, VA.

- Friedmann, J. (1996). *Empowerment uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta.
- Gómez, T.G., (2014). *The Social Capital Applied to Cross-Border Alentejo-Algarve-Andalucía and Southern Finlandia-Estonia*, Doctoral Thesis, Universidad de Huelva.
- Hikey, S., Mohan, G. (2004). *Towards participation as transformation: Critical themes and challenges*. In S. Hikey & G. Mohan, *Participation: From tyranny to transformation* (pp. 3-24). London: Zed. Disponível em <http://sergiorosendo.pbworks.com/f/Hickey+%26+Mohan+2004.pdf>, acesso, 01/03/2016.
- Ife, J., Tesoriero, F. (2008). *Community Development: Community-Based Alternatives in an Age of Globalisation*. Frenchs Forest, N.S.W.: Pearson Education.
- Jones, S., Kardan, A. (2013). *A Framework for Analysing Participation in Development*. Report . Oslo: Norwegian Agency for Development Cooperation (NORAD).
- Leandro, M. (2001). Os laços sociais em questão. Metamorfoses sociais, metamorfoses de uma nação. in M. Leandro (coord.), *Laços familiares e sociais*. Viseu: Psicossoma. pp. 27-57
- Lin, N. (2001). *Social Capital. A theory of social structure and action*. Cambridge: Cambridge University Press
- Oakley, P., Clayton, A. (2003). *Monitoramento e Avaliação do Empoderamento*. São Paulo: Instituto Pólis, INTRAC.
- Marques, A. (2017). Caminhos sinuosos do desenvolvimento. *Desenvolvimento e Sociedade – Revista Interdisciplinar em Ciências Sociais*, 2, 31-49.
- Marx, K. (1988). *O Capital. Volume 5*. São Paulo: Nova Cultural.
- Paugam, S. (2009). *Le lien social*. Paris: Puf.
- Portes, A. (2000). Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia Problemas e práticas*, 33, 133-158. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n33/n33a06.pdf>, acesso, 01/03/2016.
- Putnam, R. (1993). The prosperous community: social capital and public life. *The American Prospect*, 13, 35-43.
- Rosa, V. (2012). *Laços sociais e capital social nas narrativas das pessoas em situação de sem-abrigo*. Dissertação. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Silva, C. (2004). Participação direta e o discurso do *empowerment*. *O labirinto da enfermagem. Participação e profissionalismo*. Lisboa: Colibri. pp. 42-50.

- Silva, C. (2015). Pós-facio: Mais do que um ponto de vista. Perspetivas para uma ética do (des)envolvimento local ou um (des)envolvimento com ética localizada. In O. Pereira, *Reflexões estratégicas de desenvolvimento local no contexto da preservação da identidade de Penedos (Mértola)* (pp. 285-291). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Silva, M. (1963). Fases de um processo de Desenvolvimento Comunitário. *Análise Social*, 1 (4), 538-558.
- Soetomo, (2008). *Strategi-Strategi Pembangunan Masyarakat*. Yogyakarta: Pustaka Pelajar.
- Soetomo (2011). *Pemberdayaan Masyarakat, Mungkinkah Muncul Antitesisnya?*, Yogyakarta: Pustaka Pelajar.
- Svendsen, G.T., Svendsen, G.L.H. (Eds.) (2009). *Handbook of Social Capital. The Troika of Sociology, Political Science and Economics*. Edward Elgar, UK/USA.
- Thomas, A. (2000). Meanings and Views of Developmet. In T. Allen & A. Thomas (Ed.). *Poverty and Development Into the 21st Century*. Oxford; New York: Open University, pp. 23-48.